

# Discutindo sobre IST's e formas de prevenção em Instituição de ensino público no Estado do Pará

Jhessica dos Santos Barros<sup>1</sup>  
Dion Leno Benchimol da Silva<sup>2</sup>  
Rosenete Sabaa Srur de Andrade<sup>3</sup>  
Léonaldo de Carvalho Brandão<sup>4</sup>  
Lucas Martins Freitas<sup>5</sup>  
Ricardo Sousa Costa<sup>6</sup>  
Samille Conceição Dias<sup>7</sup>  
Maria da Conceição Pereira Bugarim<sup>8</sup>

**Resumo:** Tendo em vista que na adolescência os indivíduos estão à procura de novas experiências, a escola pode ser um elo entre esses indivíduos e a educação sexual, que deve ser tratada de forma pedagógica. O objetivo deste trabalho foi apresentar a importância e relevância da temática educação sexual para os jovens e adolescentes no ensino de ciências e

- 
- 1 Graduada pelo Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal do Pará - IFPA, jhessicadossantosbarros@gmail.com;
  - 2 Graduado pelo Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal do Pará - IFPA, d.benchimol01@gmail.com;
  - 3 Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal do Pará - IFPA, rosesabaasrur@gmail.com;
  - 4 Graduando pelo Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará - UFPA, leonaldocarvalho123@gmail.com
  - 5 Graduando pelo Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal do Pará - IFPA, lucasmartinsfr06@gmail.com
  - 6 Graduando pelo Curso de Licenciatura em ciências naturais - Biologia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), ricardosousac9@gmail.com
  - 7 Graduanda pelo Curso de Licenciatura em ciências naturais - Biologia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), sammydiad09@gmail.com
  - 8 Orientadora, Mestre em Sistematização das Dimensões Humanas em Princípios da Motricidade Humana na Matriz Curricular do Curso de Educação Física pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), Professora da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e Instituto Federal do Pará – IFPA, cbugarim@yahoo.com.br.

biologia, através de temas relacionados à saúde pública, visando conscientizar os alunos. O projeto de intervenção foi realizado na EEEM Papa Paulo VI de Novo Repartimento – PA. Foram ministradas palestras com o tema: “Discutindo sobre IST’s e formas de prevenção”. Dentre os tipos de (IST’s Infecções Sexualmente Transmissíveis), a AIDS (Síndrome da imunodeficiência adquirida) apresenta-se como a mais conhecida entre os entrevistados (99%). Entretanto, existem outras diversas IST’s, que não foram apontadas pelos estudantes. Diante do exposto, acredita-se que apesar dos grandes avanços tecnológicos, da ampla veiculação de informações sobre IST’s, e da grande frequência de Infecções Sexualmente Transmissíveis no Brasil, e no estado do Pará, os adolescentes e jovens da escola Papa Paulo VI se mostraram leigos quando considerados o nível de conhecimento com relação à educação sexual. Destacamos assim, a importância da abordagem dessa temática nas instituições de ensino.

**Palavras chave:** adolescência, educação sexual, saúde.

## Introdução

Tendo em vista que na adolescência os indivíduos estão à procura de novas experiências, a escola pode ser um elo entre esses indivíduos e a educação sexual, que deve ser tratada de forma pedagógica e não terapêutica no âmbito escolar, podendo ser tratado em forma de oficinas, para que os alunos possam refletir e discutir sobre o assunto (CÉSAR, 2009; TONATTO e SAPIRO, 2002).

As doenças transmitidas através de relações sexuais, tornaram-se problemas de saúde pública. A mais conhecida delas é a AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) causada pelo vírus HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana), que se tornou uma epidemia no Brasil, e pode ser evitada principalmente através do uso correto do preservativo masculino ou feminino durante o sexo. Além disso, deve-se ter cuidado na realização de transfusões sanguíneas e evitar o compartilhamento de objetos perfuro cortantes, pois também são meios de transmissão do vírus (MASSIGNANI et al, 2014; DOURADO et al, 2006).

Outra doença que merece destaque é a sífilis, causada pela bactéria *Treponema pallidum*, pode ser transmitida através de relações sexuais desprotegidas ou durante o parto, uma infecção que pode trazer sérios problemas para a saúde dos portadores podendo apresentar feridas ou manchas no corpo. Em alguns casos a infecção fica um período em latência. (SARACENI et al, 2007; DOMINGUES e LEAL, 2016).

A terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passou a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas (MINISTERIO DA SAUDE, 2020).

O objetivo deste trabalho foi apresentar a importância e relevância da temática educação sexual para os jovens e adolescentes no ensino de ciências e biologia, através de temas relacionados à saúde pública, visando conscientizar os alunos. O processo de aprendizagem dos alunos durante a palestra foi verificado por meio de questionários.

## Metodologia

O projeto de intervenção foi realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Papa Paulo VI, localizada na zona urbana do município de Novo Repartimento, região sudeste do estado do Pará, em 21 de agosto de 2019. A instituição atende alunos provenientes de todos os bairros da cidade,

assim como alunos residentes nas áreas rurais. Foram ministradas palestras com o tema: “Discutindo sobre IST’s e formas de prevenção”, com duração de 1h30min, em 07 turmas do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio nos turnos da manhã e da tarde. Foram apresentados conceitos sobre desenvolvimento corporal masculino e feminino, sexualidade, gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, seus sintomas e formas de prevenção, assim como os principais métodos contraceptivos e a importância da utilização desses métodos.

Foram aplicados 02 questionários. O primeiro antes da palestra, e o segundo ao final, entregues a 100 participantes. Os dados dos participantes foram mantidos em sigilo de acordo com o Termo de consentimento livre e esclarecido. O primeiro questionário apresentou 10 questões sendo 09 questões objetivas onde os alunos deveriam responder de acordo com seus conhecimentos prévios, e uma questão discursiva na qual deveriam nomear os métodos contraceptivos que conhecem. O questionário 02 apresentou 08 questões objetivas envolvendo a percepção dos alunos em relação aos assuntos apresentados na palestra. Deveria ser escolhida apenas uma alternativa para cada questão proposta.

O critério de seleção dos discentes para aplicação do questionário se deu por escolha alternada de 14 ou 15 alunos por turma de acordo com a carteira e fila em que estavam sentados, observando que normalmente as turmas são constituídas de 30 a 45 alunos. Os dados foram digitados no programa Microsoft Excel 2016® e a análise realizada em programas estatísticos. As respostas abertas foram identificadas em categorias de respostas mais frequentes e quantificadas para facilitar a análise dos dados.

## Resultados e discussão

Os parâmetros curriculares nacionais (PCNs) sugeriam que, a partir do 5º ano do ensino fundamental assuntos relacionados a educação sexual fossem abordados em sala de aula de forma transversal e participativa, apresentando uma visão histórico-cultural para que os alunos pudessem desenvolver noções de respeito, garantia de direitos, e extinções de situações de preconceito e violência. A Base nacional comum curricular (BNCC), implementada em 2018, apresenta a educação sexual no 1º ano do ensino fundamental, tratando do corpo humano e respeito a diversidade, e volta a abordar a temática apenas no 8º ano, podendo então ser abordados os temas relacionados a ISTs, métodos contraceptivos, puberdade, entre outros temas relacionados a aspectos biológicos. Santos (2019) aponta a principal

diferença entre os PNCs e a BNCC. Enquanto o primeiro apresenta recomendações e orientações, o segundo determina unidades temáticas, objetos de conhecimentos e habilidades que devem ser desenvolvidas pelos estudantes. Furlanetto et al (2018) enfatizam em seu trabalho sobre a necessidade de alguns avanços na área da educação sexual.

Do total de discentes que responderam ao primeiro questionário, de acordo com a tabela 01, 53 são discentes do sexo feminino e 40 do sexo masculino, com idades entre 13 e 15 anos (10%), 16 e 18 anos (85%), 19 e 21 anos (4%) e acima de 21 anos (1%). Quando questionados se acreditam que deveria ser abordado em sala de aula a temática educação sexual, 91% dos alunos responderam que sim o que demonstra o interesse por parte dos alunos pelo assunto que é de grande importância para o desenvolvimento de jovens e adolescentes. A escola é um espaço de suma importância para implantação de assuntos sobre autoconhecimento, aumento dos níveis de tolerância as diversidades entre outros assuntos (ARRUDA; CAVASSIN, 2000).

Quando questionados sobre métodos contraceptivos 86% dos entrevistados responderam terem conhecimento sobre o assunto e apenas 14% não possuem tal conhecimento. Dos alunos que obtêm conhecimento sobre métodos contraceptivos 24% responderam que a camisinha masculina é o método mais utilizado pelas mulheres, e 77% reconhecem também a pílula do dia seguinte como método contraceptivo. É importante lembrar que nenhum método é 100% eficaz e que apesar da pílula do dia seguinte ser utilizada para prevenir uma gravidez indesejada, ela não previne de doenças sexualmente transmissíveis. O fato de os estudantes conhecerem mais a pílula do dia seguinte do que a camisinha, pode apontar um possível uso frequente da pílula de forma inadequada. O fato de o termo 'camisinha masculina' ser utilizado no questionário pode ter influenciado na resposta dos alunos, uma vez que a pergunta se dirigia a métodos femininos.

Em relação às infecções sexualmente transmissíveis (IST's), quando questionados sobre as consequências da sífilis 17% responderem que não causa absolutamente nada. O boletim epidemiológico da sífilis de 2018 do Ministério da Saúde demonstrou um aumento significativo nos índices de casos de sífilis adquirida no Brasil no ano de 2017. Quando comparada ao ano de 2016 observou-se um aumento de 31,8% (BRASIL, 2017). Sobre os conhecimentos dos tipos de IST's, a AIDS apresenta-se como a mais conhecida entre os entrevistados (99%). Em 2006, a AIDS atingia cerca de 25% dos adolescentes na faixa etária entre 14 a 24 anos (TAQUETTE et al, 2006). De acordo com o último boletim epidemiológico, a faixa etária mais atingida está na faixa dos 20 aos 34 anos (MINISTERIO DA SAUDE, 2019). Entretanto,

de 2008 a 2018 houve um aumento nos casos de AIDS entre jovens de 15 a 24 anos (62,2% para jovens de 15 a 19 e 94,6% para jovens de 20 a 24 anos).

Quando questionados sobre os riscos de manter relação sexual sem proteção, 69% responderam que as IST's são os maiores riscos de uma relação sexual sem proteção outros 44% das respostas eram sobre uma gravidez indesejada. Segundo Lopes (2013), atualmente ainda existem alguns tabus que causam dúvidas aos adolescentes, tais como comentários sobre inibição de prazer que a camisinha ocasiona no momento do ato ou a confiança em seus parceiros para não utilização de preservativos. Esses tabus devem ser desvendados através de conhecimentos técnicos a respeito dos métodos contraceptivos e a importância do uso.

A tabela 01 apresenta as perguntas do questionário aplicado antes das palestras, e as respostas dos discentes participantes.

**Tabela 01** - Questionário 01 aplicado antes da palestra intitulada "Discutindo sobre IST's e formas de prevenção"

Questões		Feminino	Masculino	Total	%
Idade	13 -15	8	1	9	10%
	16-18	43	36	79	85%
	19-21	2	2	4	4%
	Acima de 21	0	1	1	1%
1. Acredita que é necessário ser abordado em sala a educação sexual?	Sim	48	37	85	91%
	Não	5	3	8	9%
2. Sabe o que são métodos contraceptivos?	Sim	48	32	80	86%
	Não	5	8	13	14%
3. Se a resposta anterior for sim marque um método contraceptivo feminino?	Camisinha masculina	12	10	22	24%
	Pílula do dia seguinte	45	27	72	77%
	Vasectomia	2	0	2	2%
	Não responderam	0	3	3	3%
4. O vírus HIV causador da AIDS pode ser transmitido por:	Relações sexuais	53	39	92	99%
	Suor	0	0	0	0%
	Transfusão sanguínea	20	13	33	35%
	Saliva	6	1	7	8%

Questões		Feminino	Masculino	Total	%
5. Sífilis pode causar?	Demência/distúrbio mental	4	11	15	16%
	Não causa nada	8	8	16	17%
	Impotência sexual	21	9	30	32%
	Liberação de pus na urina	24	15	39	42%
6. Marque apenas as doenças sexualmente transmissíveis:	AIDS	51	38	89	96%
	Gonorreia	27	16	43	46%
	Sífilis	39	22	61	66%
	Furúnculo	0	2	2	2%
	Diabetes	0	0	0	0%
	HPV	16	12	28	30%
7. Para você qual é o maior risco em praticar relações sexuais sem proteção? (Marque apenas uma opção)	DST	38	26	64	69%
	Gravidez	25	16	41	44%
	Não tem riscos	1	1	2	2%
8. Quais os métodos de prevenção que você conhece?	Camisinha masculina	45	37	82	88%
	Camisinha feminina	5	2	7	8%
	Pílula do dia seguinte	25	16	41	44%
	Anticoncepcionais (pílulas e injetáveis)	22	13	35	38%
	DIU	2	2	4	4%
	Não compartilhar agulhas e alicates	1	0	1	1%
	Não responderam	6	1	7	8%
	Vasectomia	0	1	1	1%

O questionário aplicado após a palestra representado na tabela 02 teve um total de 53 pessoas do sexo feminino e 37 do sexo masculino distribuídos por faixa etária, de 13 a 15 anos (11%), 16 a 18 anos (86%), 19 a 21 anos (2%) e acima de 21 anos (1%). Quando questionados sobre o que aulas como essa poderiam causar 97% responderam que geram incentivo ao uso de métodos de proteção o que se mostrou muito significativo nesta pesquisa.

A UNESCO avaliou projetos de educação sexual em 87 escolas e concluiu que projetos como esses não incentivam relações sexuais na adolescência; não influencia comportamentos sexuais de riscos e não aumenta causas de infecções sexualmente transmissíveis (IST's). No entanto demonstram eficácia no incentivo ao uso de métodos contraceptivos o que diminui casos de IST's.

Em relação a AIDS foram questionados se essa IST tem cura e 41% responderam que não. Segundo o boletim epidemiológico da AIDS do Ministério da Saúde desde o ano de 1980 quando iniciou a epidemia de AIDS até o ano de 2016 foram notificados 316.088 óbitos tendo a HIV/AIDS como causa básica. Entretanto, 51% responderam que a AIDS tem cura, demonstrando que os alunos necessitam de um entendimento mais aprofundado sobre o tema, que é amplamente divulgado, foi abordado na palestra, e ainda assim muitas dúvidas permanecem.

Questionados sobre a sífilis, 58 % dos alunos responderam que não há cura para esta IST. É importante ressaltar que quando descoberta nos estágios iniciais da doença, as chances de curas são maiores. A respeito do preservativo masculino, 89% dos alunos responderam que este não é um método 100% seguro, apesar de ser bastante utilizado. O conceito de período de latência foi apresentado, e através do questionário foi possível observar que os alunos internalizaram esse conteúdo, pois 73% dos alunos responderam corretamente a pergunta.

Abaixo a tabela 02 apresenta as perguntas do questionário aplicado após as palestras, e as respostas dos discentes participantes.

**Tabela 02** - Questionário 02 aplicado após a palestra intitulada "Discutindo sobre IST's e formas de prevenção"

Questões		Feminino	Masculino	Total	%
Idade	13 -15	8	2	10	11%
	16-18	44	33	77	86%
	19-21	1	1	2	2%
	Acima de 21	0	1	1	1%
1. Acredita que aulas como essa podem?	Incentivar o uso de métodos de proteção.	52	35	87	97%
	Incentivar o ato sexual sem proteção.	1	2	3	3%
	Ser perda de tempo, não ajudam em nada.	0	0	0	0%
2. AIDS tem cura?	Sim	52	1	53	59%
	Não	1	36	37	41%
3. Sífilis tem Cura?	Sim	18	20	38	42%
	Não	35	17	52	58%
4. Preservativo masculino (camisinha) é 100% seguro?	Sim	4	6	10	11%
	Não	49	31	80	89%



Questões		Feminino	Masculino	Total	%
5. Período de Latência de uma doença significa que?	Está infectado e apresenta os sintomas	11	11	22	24%
	Não está infectado	1	1	2	2%
	Esta infectado, mas não apresenta sintomas	41	25	66	73%
6. A aula foi?	Ótima	27	13	40	44%
	Boa	17	14	31	34%
	Regular	6	10	16	18%
	Péssima	1	0	1	1%

## Considerações finais

Diante do exposto, destaca-se a importância de ter acesso a conhecimentos que dizem respeito à promoção da saúde e prevenção de doenças. Acredita-se que apesar dos grandes avanços tecnológicos os adolescentes e jovens da escola Papa Paulo VI se mostraram leigos, considerando o nível de conhecimento a respeito de temas referentes à educação sexual, o que torna fundamental a execução de projetos relacionados a essa temática, pois as IST's são um grave problema de saúde pública.

Logo, é essencial que novas ações e projetos sejam planejados e executados no âmbito escolar não somente em escolas de ensino médio, mas que sejam realizados nas escolas de ensino fundamental II, pois os alunos podem não possuir conhecimento acerca do assunto. Vale ressaltar a relevância da realização de estudos futuros a fim de verificar se essas ações têm gerado resultados positivos. Apesar das mudanças que a BNCC trouxe para o currículo da educação básica, projetos como esse devem ser tratados, sim, de forma transversal no currículo, e não como simples disciplinas formais abordadas de forma pontual ao longo da formação discente. Aulas discutidas, expositivas e interativas devem ser mantidas ao longo de toda a formação do aluno. Essa temática deve poder ser abordada a qualquer momento na vida do aluno, sempre que o mesmo apresentar dúvidas que possam ser sanadas pelo professor.

## Referências

ARRUDA, Silvani. CAVASIN, Sylvia. **Escola, orientação sexual e programas preventivos**. Egos - Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana. 2000. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/>

handle/123456789/78744/170118.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.  
Acesso em: 28 de ago.2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais (DIAHV). **Boletim Epidemiológico da AIDS**. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hivaid-2018>>. Acesso em 25 de ago. 2019.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental**. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, DF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>>. Acesso em: 25 de ago. 2019.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia” **Educar em Revista**, núm. 35, 2009, pp. 37-51. Universidade Federal do Paraná, Paraná, Brasil. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/1550/155013366004.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2019.

DOMINGUES, Rosa Maria Soares Madeira; LEAL, Maria do Carmo. Incidência de sífilis congênita e fatores associados à transmissão vertical da sífilis: dados do estudo Nascer no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 32(6):e00082415, jun, 2016. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/pdf/csp/2016.v32n6/e00082415/pt>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

DOURADO, Inês; et al. Tendências da epidemia de Aids no Brasil após a terapia anti-retroviral. **Revista de Saúde Pública**, 2006;40 (Supl):9-17. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/pdf/rsp/2006.v40suppl0/9-17/pt>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

FURLANETTO, Milene Fontana, et al. Educação sexual em escolas brasileiras: Revisão sistemática da literatura. **Cadernos de pesquisa**, v.48 n.168 p.550-571 abr./jun. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v48n168/1980-5314-cp-48-168-550.pdf>>. Acesso em: 26 de ago. 2019.

LOPES, Ildete Dias Ramalho. **DSTs- Sexualidade na adolescência**: meios de prevenção. Trabalho de conclusão de curso (Curso de especialização no programa de saúde da família) – Universidade Federal de Minas Gerais. Teófilo

Antoni-MG, 2013. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/6358.pdf>>. Acesso em 28 de ago. 2019.

MASSIGNANI, Lucila Rosa Matte; et al. Comunicação de diagnóstico de soropositividade HIV e aids por profissionais de saúde. **Revista Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 32, n. 79, p. 65-75, Supl1., 2014. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20367/19635>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

MINISTERIO DA SAUDE. Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Disponível – Boletim Epidemiológico 2019. em: < <http://www.aids.gov.br>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

MINISTERIO DA SAUDE. Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Disponível em: < <http://www.aids.gov.br>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

SANTOS, Luciana Henzel dos. **Educação sexual no ensino fundamental: construindo uma unidade didática**. 2019. 149 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática-Mestrado Profissional) – Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de educação, Pelotas, 2019.

SARACENI, Valéria; et al. Vigilância da sífilis na gravidez. **Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde**, 2007; 16(2): 103 – 111. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/10897/2/Vigil%C3%A2ncia%20da%20%C3%ADfilis%20na%20gravidez.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

TAQUETTE, Stella R. et al. Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, 37(3):210-214, mai-jun, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0037-86822004000300003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0037-86822004000300003&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 28 de ago. 2019.

TONATTO, Suzinara; SAPIRO, Clary Milnitsky. Parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências. **Revista Psicologia Sociedade**; 14 (2): 163-175; jul./dez.2002 OS NOVOS Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/psoc/v14n2/v14n2a09.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2019.